



## **AS NOVAS RELAÇÕES DE TRABALHO NO URBANO: LIMITES E TENSÕES QUE A GERAÇÃO Z ENFRENTA EM RELAÇÃO AO EMPREGO PARA REALIZAR O SEU PROJETO DE VIDA<sup>1</sup>**

Maria Solange Melo de Sousa<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Nas últimas décadas, o emprego e as relações de trabalho têm passado por transformações significativas e cada geração tem as suas particularidades para conviver com tantas mudanças. A pesquisa investigou, analisou, comparou e discutiu as perspectivas profissionais dos trabalhadores das gerações X e Z. O objetivo do artigo é compreender as adversidades que a Geração Z enfrenta no mercado de trabalho. Tendo o Distrito Federal como recorte espacial, a metodologia de investigação utilizou o método qualitativo, a análise bibliográfica e documental como fonte de pesquisa e a entrevista foi o instrumento utilizado para coletar as informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho. A partir da análise dos elementos investigados, concluiu-se que há diferenças de percepções e objetivos profissionais entre os sujeitos que constituem as gerações X e Z. Além disso, é importante destacar que a segunda percebe o emprego com certa distância do cenário real de incertezas vivenciado no mundo do trabalho atual.

**Palavras-chave:** Emprego, Geração X e Z; Mercado de Trabalho; Modernidade Líquida; Urbano.

### **RESUMEN**

En las últimas décadas, el empleo y las relaciones laborales han sufrido importantes transformaciones y cada generación tiene sus particularidades para convivir con tantos cambios. La investigación investigó, analizó, comparó y discutió las perspectivas profesionales de los trabajadores de las generaciones X y Z. El objetivo del artículo es comprender las adversidades que enfrenta la Generación Z en el mercado laboral. Con el Distrito Federal como corte espacial, la metodología de investigación utilizó el método cualitativo, el análisis bibliográfico y documental como fuente de investigación y la entrevista fue el instrumento utilizado para recopilar la información necesaria para el desarrollo del trabajo. Del análisis de los elementos investigados, se concluyó que existen diferencias en las percepciones y objetivos profesionales entre los sujetos que constituyen las generaciones X y Z. Además, es importante destacar que la segunda percibe el uso con cierta distancia del escenario real de incertidumbres experimentadas en el mundo laboral actual.

<sup>1</sup> O artigo é parte da pesquisa de tese da doutoranda.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Pós-Graduação de Geografia da Universidade de Brasília (UnB) – DF. E-mail: solangemelosousa@gmail.com.



**Palavras chave:** Empleo, Generación X y Z; Mercado Laboral; Modernidad líquida; Urbano

## INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, o mundo do trabalho tem passado por profundas transformações no campo e no urbano. As mudanças são uma tendência mundial em decorrência do modelo econômico adotado de forma global. No Brasil, ela impacta de forma mais intensa na juventude brasileira que nasceu entre 1996 e 2010, aqui denominada como geração Z.

É importante destacar que na década de 1990 o êxodo rural ainda era intenso no país e as pessoas saíam do campo em busca melhores condições de vida nas grandes cidades. De acordo com Camanaro e Beltrão (2000), em 1996 a população brasileira era de aproximadamente 156 milhões de habitantes, das quais 78% viviam nas consideradas áreas urbanas.

O intenso fluxo demográfico rural-urbano mostrou que a falta de emprego no campo empurrou parcela significativa de habitantes para as cidades e afetou a estrutura do emprego nas regiões metropolitanas do Brasil. Dentre as causas para esse fenômeno, pode-se destacar a mecanização dos meios de produção no rural que agravou a falta de oportunidades de emprego para os trabalhadores do campo.

A partir de então, o urbano passou por um processo de desestruturação-reestruturação com um novo regime de acumulação, novo modelo de produção-circulação-consumo e transformação na base econômica que impacta nas relações de trabalho (CICCOLELLA, 2009). Dessa forma, a realidade apresenta características que nem sempre podem ser compreendidas e aceitas como, por exemplo, o fato de nova configuração socioeconômica e territorial do urbano provocar a instabilidade nas relações de trabalho e no emprego.

Diante disso, a investigação teve como recorte espacial o Distrito Federal, que abriga a capital federal, Brasília. Ela surgiu e cresceu durante o processo de intensa urbanização decorrente da industrialização na segunda metade do século XX e, por isso, atraiu parcela significativa de pessoas que buscavam nas regiões metropolitanas melhores oportunidades de emprego.

Até a década de 1990 as metrópoles brasileiras, principalmente as da Região Sudeste, conseguiam absorver parcelas significativas dos trabalhadores e, mesmo com



grande contingente de pessoas jogadas na informalidade, o Estado brasileiro fornecia certas garantias trabalhistas que respeitavam a CLT. No início do século XXI, a discussão em torno da flexibilização dos direitos dos trabalhadores ganhou força, na qual o capital empresarial e financeiro e alguns segmentos políticos começaram a defender uma reforma trabalhista e previdenciária e com isso, a suposta estabilidade dos empregados se fragiliza.

Diante do exposto, a pesquisa se justifica por ser necessário analisar o diferente cenário que os jovens com idade entre os dezoito e vinte e cinco anos encontrarão no mundo do trabalho para atender as suas perspectivas em relação ao emprego. Essa juventude é denominada como Geração Z e são os nascidos no “boom” da criação e desenvolvimento dos aparelhos tecnológicos e que, provavelmente, tem uma forma diferente das gerações anteriores de entender a questão do emprego.

O objetivo geral do artigo é entender as adversidades que a Geração Z enfrenta para realizarem o seu projeto de vida, diante das dificuldades da vida urbana decorrentes da precarização do emprego e da fragilização das relações de trabalho na atualidade.

Para alcançar o objetivo geral, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos: fazer uma reconstrução histórica das oportunidades de emprego no Distrito Federal no período anterior à década de 1990; descrever o projeto de vida da geração X, aqui apresentada pelos filhos de imigrantes que vivenciaram o intenso fluxo migratório rural-urbano rumo a nova capital; e, por fim comparar objetivos profissionais da geração X com a geração Z.

A abordagem do texto será de cunho qualitativo, com leituras bibliográficas para fundamentar teoricamente a pesquisa, análise documental para apresentar a construção dos dados necessários que sustentam a investigação. Como instrumento de pesquisa, foi realizada entrevistas semiestruturadas com jovens que estão na faixa etária entre 17 e 22 anos para compreender a percepção desse grupo de sujeitos que estão inseridos na geração Z.

No primeiro tópico, o texto fará uma breve apresentação do processo metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, a autora dialogará com alguns teóricos que fundamentaram o tema investigado.

Nas discussões, a autora fará uma breve reconstrução histórica do recorte espacial onde a pesquisa foi realizada; mostrará alguns dados relacionados ao emprego do local pesquisado; apresentará relatos colhidos durante as entrevistas com os jovens que participaram da investigação e quais as perspectivas dele em relação ao mundo do



trabalho. Por fim, serão discutidos os resultados alcançados no desenvolvimento da pesquisa.

A partir do conjunto dos elementos investigados, constatou-se que os jovens da geração Z que participaram da pesquisa percebem o emprego com certa distância do cenário real de incertezas vivenciado no mundo do trabalho e compram o discurso midiático de empreendedorismo e de meritocracia como meta profissional.

## **METODOLOGIA**

Como foi exposto anteriormente, a pesquisa tem como recorte espacial o Distrito Federal, uma vez que ele abriga a capital do país, Brasília, que simboliza os ideais de urbanização e modernização do país.

As fontes de pesquisa estão constituídas de leituras bibliográficas também denominada fonte secundária, para fundamentar as discussões e a análise da investigação (SOUSA, 2019). De maneira informal, a pesquisadora ouviu relatos de alguns dos filhos de imigrantes nordestinos, cujo os pais vieram para Brasília atraídos pelas ofertas de emprego disponíveis na nova capital que estava surgindo.

As técnicas ou instrumentos de pesquisa quando bem utilizados favorecem para o alcance dos resultados de cunho científico. Assim, a investigação teve como método de investigação a realização de entrevistas com quatro jovens de classe média com idade entre dezessete e vinte e dois anos, que estão saindo do ensino médio, ou que estão cursando o ensino superior, ou que estão se preparando para serem inseridos no mercado de trabalho. Apesar da pesquisa propor um intervalo de idade entre dezoito e vinte e cinco anos, com o desenvolvimento da investigação, percebeu-se que seria interessante ouvir também uma adolescente que está concluindo o ensino médio.

A investigação é parte inicial da tese de doutorado e não tem a pretensão de considerar as respostas de quatro entrevistados como o universo de pensamento da maioria dos sujeitos que compreendem o grupo da Geração Z. Mas, a partir das considerações feitas por esses jovens, é possível ter uma análise inicial que fomentará a necessidade de aprofundar os estudos.

Ao entrevistar jovens de classe média, a pesquisa buscou compreender como essa camada social interpreta o mundo em que vive e como eles vislumbram o mundo do trabalho, partindo do entendimento de que a família oferece a eles qualidade de vida e



bens materiais que as camadas menos favorecidas não podem ter acesso. A partir desse ponto inicial, as camadas sociais de baixa renda deverão compor outros estudos para aprofundar a análise do objeto de investigação proposto na tese de doutorado.

Os jovens entrevistados são filhos de servidores públicos, com exceção de um dos pais que é contador e exerce um cargo de gestor em uma empresa do setor privado, tem também uma das mães que não atua no mercado de trabalho, a renda média das famílias varia entre dez e vinte e cinco mil reais mensais. Dentre os jovens, apenas um cursou o terceiro ano do ensino médio em escola pública enquanto os demais estudaram em escolas particulares toda a educação básica. Os entrevistados cursam o ensino superior, com exceção da mais jovem que está cursando a terceira série do ensino médio.

Para entender como os entrevistados percebem as oportunidades de emprego diante de um cenário socioeconômico tão instável como o que se vive e quais as expectativas deles em relação ao mercado de trabalho, a pesquisa apresentou as seguintes questões a serem respondidas: i) Qual a justificativa para a escolha do curso de graduação? ii) Vocês investigam o mercado de trabalho para o campo de atuação do curso escolhido? iii) Após a formatura, como você pretende atuar (empresa pública, empresa privada, profissional liberal, autônomo)? Justifique.

No tópico seguinte, o texto apresentará alguns autores que fundamentaram teoricamente a investigação, por meio de discussões envolvendo as temáticas trabalhadas na pesquisa e que são necessárias para o alcance dos objetivos propostos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A construção do aporte teórico da pesquisa se inicia com a análise do espaço urbano e suas contradições que criam a lógica de segregação e fragmentação que “[...] se sustenta pelos mitos e ideologias, reproduzindo o modo capitalista de produção” (FIORAVANTI, 2013, p. 178). A partir desse entendimento, compreender as desigualdades de oportunidades se encaixa perfeitamente na compreensão das adversidades vivenciadas no urbano.

O urbano como forma e realidade nada tem de harmonioso. Ele também reúne os conflitos. Sem excluir os de classes. Mais que isso, ele só pode ser concebido como oposição à *segregação* que tenta acabar com os conflitos separando os elementos no terreno (...). O urbano se apresenta, ao contrário,



como lugar dos enfrentamentos e confrontações, unidade das contradições (LEFEBVRE, 2004, p. 160).

Diante das adversidades vivenciadas no urbano, no que diz respeito à questão do emprego, é importante entender que o processo de industrialização brasileiro se caracterizou pela produção de capital intensivo, poupadora de mão-de-obra e controlada pelos monopólios internacionais (COSTA, 2015) e isso explica a origem de uma população marginal em termos ocupacionais e que se concentram nas metrópoles urbanas. A industrialização não absorveu toda a mão-de-obra disponível e, de forma intencional criou um setor terciário informal e útil ao processo de acumulação, pois empregava temporariamente e permitia a existência de um exército reserva de mão-de-obra (COSTA, 2015).

Assim, a pesquisa pretende fazer a relação entre urbano e o emprego para a geração Z, tendo como lógica de análise a importância da fluidez do capital, que se intensificou na década de 1990 com as novas tendências econômicas globais, e como essas políticas tiveram maior liberdade de ação com a mediação do Estado nos processos de condução das políticas públicas e o seu impacto no mundo do trabalho.

A obra de Bauman (2000) “Modernidade Líquida” dará o suporte teórico para comparar o emprego na concepção de capitalismo pesado, em que predominava a estabilidade do bem-estar social com a modernidade líquida, na qual a se configura a flexibilização nas relações de trabalho.

A análise da obra de Bauman (2000) será importante para referendar a compreensão e contextualização da realidade da juventude do século XXI e os seus objetivos profissionais no mundo do trabalho.

É importante entender que apesar dos jovens entrevistados compor um grupo social privilegiado, se comparado com a maior parte da população brasileira, eles também não estão isentos dos problemas que caracterizam o mundo do trabalho no urbano, pois pertencem a classe média e, também enfrentam desafios e sofrem com a insegurança provocada pela instabilidade profissional quando são inseridos no mercado de trabalho.

## **DISCUSSÃO E RESULTADO**

Dowbor (2004) analisa a urbanização como um universo de oportunidades, mas também de imensos desequilíbrios que provocaram um gigantesco exôdo rural mundial.





No caso do Brasil, o autor argumenta que “Em termos institucionais, as decisões continuam centralizadas nas capitais, como no tempo em que o interior do país consistia em populações rurais dispersas e desarticuladas (DOWBOR, 2004, p. 17). Diante desse argumento, o autor discute a questão do emprego no meio urbano em que “a mesma dinâmica que expulsou a mão-de-obra para as cidades, gerando imensas periferias caóticas e miseráveis, hoje reduz a própria base urbana de emprego” (DOWBOR, 2004, p. 17).

O Distrito Federal (DF) foi inaugurado na década de 1960 para sediar a Capital Federal, Brasília. Ele surgiu da dinâmica apresentada por Dowbor (2004), portanto, é resultado do intenso processo de urbanização. A nova capital foi planejada para receber um contingente populacional de, aproximadamente, 500 mil habitantes (COSTA; STEINKE, 2014). No decorrer das décadas, a projeção inicial foi ultrapassada e hoje possui uma estimativa populacional de 3.094.325 habitantes (IBGE, 2021).

Ao redor do Plano Piloto surgiram muitos adensamentos populacionais cuja finalidade era abrigar os trabalhadores que vinham de outros estados brasileiros para construir a nova capital, eles vinham do Goiás, Minas Gerais, mas, a maioria eram nordestinos (GDF, 2017). As pessoas vinham em busca de oportunidades que proporcionassem melhores condições de vida, vieram também os funcionários transferidos da cidade do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros para trabalhar nos órgãos públicos. O crescimento territorial desordenado do Distrito Federal provocou o surgimento de invasões que se espalharam ao redor da nova capital; algumas delas transformaram-se em cidades satélites, hoje denominadas de Regiões Administrativas.

É a partir do resgate de memória, por meio de relatos, dos primeiros imigrantes nordestinos, cujos filhos vivenciaram na infância parte dessa história é que a pesquisa ganhou corpo. Utilizando-se desses relatos, foi possível entender que os sujeitos que foram retirados das invasões eram transportados com seus pertences em caminhões da Companhia de Desenvolvimento da Nova Capital (NOVACAP) e conduzidos às novas cidades satélites. Lá, eram alojados em lotes sem nenhuma infraestrutura.

A princípio, não havia hospitais, escolas e demais instituições públicas para atender aquelas famílias que habitavam as primeiras cidades satélites. As crianças em idade escolar não estudavam. Quando as primeiras escolas foram construídas, muitos desses jovens foram matriculados e com o passar do tempo, eles concluíram a educação básica, graduaram-se e muitos passaram em algum concurso público, superando assim



todas as adversidades encontradas. Esses jovens construíram uma vida socioeconômica diferente da realidade dos seus pais, geralmente nordestinos analfabetos, outros, no entanto, por razões diversas não frequentaram a escola ou interromperam os estudos. Para os jovens que não deram continuidade à escolarização, as oportunidades de prosperar profissionalmente ou de construir uma vida socioeconômica diferente da dos seus pais não foi exitosa.

A juventude das décadas entre 1960 e 1980 idealizavam o pleno emprego como projeto de vida. Os filhos dos nordestinos que vieram para o Distrito Federal naquelas décadas, tiveram a oportunidade de estudar e sonhar com a estabilidade no emprego. Muitos desses jovens idealizavam o emprego público, como símbolo de segurança e status social.

A juventude descrita no parágrafo anterior é denominada de geração X, Meyer (2014) argumenta que o termo geração X, criado por Robert Capa, inclui aqueles que nasceram da década de 1960 ao final da década de 1970. Segundo o autor, parte dessa geração é constituída por profissionais bem-sucedidos, com cargos bem remunerados e carreiras consolidadas. Meyer (2014) assim descreve essa geração:

[...] a Geração X cresceu, passou pela fase hippie, teve ideais, esqueceu-se dos mesmos e foi fazer carreira no mercado. Viu surgir computador pessoal, a internet, o celular, a impressora, o e-mail etc. e viu seu mundo mudar muito. Grande parte da Geração X chegou aos 30, 40 anos e descobriu que para juntar meio milhão e dar entrada, com sorte, num apartamento modesto que irá pagar até os seus 60 anos, o caminho é longo e o preço alto, bem alto, as vezes impagável [...] (online, 2014).

Quando se analisa as gerações anteriores à década de 1990, percebe-se que naquela época as perspectivas em relação ao emprego eram distintas dos projetos de vida da geração Z. Como dito anteriormente, um cargo no serviço público era o objetivo de boa parte dos filhos dos imigrantes nordestinos e aqueles que cursaram uma faculdade ou universidade, tiveram acesso a um emprego com bom salário e conquistaram uma posição social privilegiada na classe média.

Os filhos, fruto dos sujeitos descritos no parágrafo anterior, constituem a geração Z e vivenciam uma nova realidade no contexto socioeconômico do país, diferente do período dos seus pais. Para Guimarães (2021) essa geração surgiu na transformação digital, gostam de inovar, sentem-se desafiados e estão sempre conectados ao universo das redes sociais e dos aplicativos. No site Gupy de Recursos Humanos, Guimarães (2021) mostra o comportamento da Geração Z no mercado de trabalho:





As pessoas que nasceram na época Z tendem a investir em um empreendimento próprio, por serem visionários e desejarem trabalhar à sua própria maneira. Como estão sempre em movimento, antenados aos acontecimentos, participam ativamente dos grupos de trabalho oferecendo ideias e dinamismo (GUPY, 2021, online).

A geração (Z) vivencia um momento em que “o universo do trabalho é atingido por um movimento sísmico de transformações estruturais” (DOWBOR, 2004, p. 17). Dessa maneira, o emprego não apresenta as mesmas características idealizadas pela Geração X, ele vai ao encontro dos ideais da Geração Z uma vez que “As tecnologias abrem um leque extremamente diversificado de áreas de trabalho, o que confunde nossas visões tradicionais de profissão e carreira” (DOWBOR, 2004, p. 17-18).

Com isso, comparar os objetivos profissionais da Geração X e da Geração Z contribuiu para entender as transformações que ocorreram no mundo do trabalho nas últimas décadas e traz elementos relevantes para a pesquisa no que diz respeito aos projetos profissionais de cada uma dessas gerações.

A análise apresentada até aqui, discutiu a forma como a Geração X se relacionava com a questão profissional e do emprego, o tópico seguinte apresentará e discutirá as concepções da Geração Z a partir das respostas dadas pelos quatro jovens durante a entrevista. Seus pais são os descendentes dos nordestinos cuja a história de vida foi descrita em parágrafos anteriores.

### **O que pensam os jovens da Geração Z em relação ao mundo do trabalho**

Como foi destacado anteriormente, os entrevistados são três estudantes universitários e uma aluna que cursa o terceiro ano do ensino médio. Os graduandos cursam Agronomia, Arquitetura e Direito em instituições privadas de prestígio na Capital Federal, todos estão na primeira metade do curso, a aluna da Educação Básica também estuda em uma instituição de ensino privado.

Os entrevistados serão identificados por letras alfabéticas, assim representados: A – estudante de Direito, idade 19 anos; B – estudante de Agronomia, idade 22 anos; C – estudante de Arquitetura, 21 anos; e, por fim, D – aluna do ensino médio, idade 17 anos.

Durante as entrevistas, observou-se que apenas a estudante de arquitetura atua no mercado de trabalho como estagiária. Os demais jovens, em função do poder aquisitivo das famílias, têm o privilégio de apenas estudar. Com exceção do estudante B, que busca



uma vaga de emprego formal por ser melhor remunerado, os demais pretendem fazer estágios para capacitá-los profissionalmente.

Nessa parte do texto, será exposto as respostas dos jovens aos questionamentos apresentados. A primeira pergunta feita durante a entrevista foi quanto à justificativa para a escolha do curso universitário. O estudante A argumentou que se identifica com cursos das áreas de humanas como História, Filosofia e Sociologia. Além disso, gosta de leitura e, também de se comunicar, tais fatores o motivaram a escolher o curso de Direito.

O estudante B relatou que as orientações da família influenciaram em sua escolha. Em conversas com pessoas que atuam na área, percebeu que a Agronomia tem amplo mercado de trabalho, o retorno financeiro é atrativo e dá projeção social, uma vez que o setor do agronegócio está em alta. Além da afinidade com o curso, todos os elementos apresentados foram determinantes em sua escolha.

A estudante C disse gostar de desenho, acredita que o curso pode influenciar no bem estar da vida das pessoas que gostam do belo, do harmonioso e da organização, tanto em seus lares, quanto na cidade em que vivem. A jovem acredita que o mercado de trabalho para a carreira escolhida é amplo e diversificado.

A aluna D relatou certo desencanto com a escola anterior e com a atual na qual estuda, uma vez que elas não atendem ao seu projeto de vida. Para a aluna, elas são extremamente conteudistas e submissas ao modelo mercadológico que procura preparar o aluno para o vestibular ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O seu objetivo acadêmico é ser selecionada para cursar engenharia no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), por gostar da área e ter afinidade com os cursos de exatas. Segundo a estudante, a metodologia do ITA é a resolução de problemas e nenhuma das escolas que frequentou trabalhou nessa dimensão pedagógica.

Quando a pesquisadora perguntou aos estudantes se eles estavam investigando as oportunidades de emprego oferecidas em seus campos de atuação, obteve as seguintes respostas:

- o estudante A, argumentou que ainda não se preocupou com isso. As informações que tem foram adquiridas por meio da Universidade, mas acredita que terá uma vaga quando se formar;
- o estudante B disse que mais ou menos. Mas acredita que o campo é vasto e poderá trabalhar em laboratórios, em projetos públicos, com o agronegócio e em construções relacionadas ao seu campo de atuação, ele é



otimista quanto ao futuro profissional e acredita que irá atuar em sua área assim que se formar;

- a estudante C também disse que ainda não se preocupou em investigar o mercado de trabalho. Ela considera que o mercado é amplo e a profissão escolhida por ela é necessária para o cotidiano das pessoas, mas é um pouco mais realista quanto ao mercado de trabalho e tem dúvidas se terá uma oportunidade imediata quando se formar em função do quadro econômico do país;
- a aluna D argumentou que só pensará na questão mais à frente. No entanto, considera que a oferta de trabalho na área de tecnologia pode ser ampla, mas requer um diferencial quanto à formação profissional como, por exemplo, qualificação contínua.

A terceira questão proposta aos entrevistados foi como eles pretendem atuar no mercado de trabalho após a conclusão do curso universitário e foi apresentado a eles algumas sugestões como serviço público, instituições privadas, profissional liberal ou autônomo. O estudante A tem como objetivo profissional ser funcionário público e atuar como procurador, ele busca estabilidade e bom salário. Acredita que no serviço público ele alcançará os seus objetivos.

O estudante B quer atuar em empresa privada por acreditar que oferece mais oportunidades aos recém formados. No decorrer do tempo, com mais experiência, pretende ter a sua própria empresa, não tem por objetivo ser servidor público.

A estudante C quer ser profissional liberal, se considera empreendedora e não pretende trabalhar em empresa pública ou privada. Deseja liberdade para conquistar o sucesso profissional. Assim como o estudante B, provavelmente, o discurso de empreendedorismo e meritocracia interferiu em seus objetivos profissionais.

Quanto a estudante D, ela quer atuar em uma grande empresa privada na área de tecnologia, por acreditar que terá mais oportunidade de desenvolver suas habilidades criativas e crescer profissionalmente, talvez as ideias difundidas a respeito da meritocracia tenha exercido influência em sua forma de ver o mercado de trabalho.

As respostas apresentadas pelos entrevistados provocam reflexões, quanto a noção da realidade vivenciada pelos profissionais que estão se inserindo no mercado de trabalho após a conclusão da graduação. Entende-se que a inserção no mercado de trabalho para recém-formados nem sempre é acessível de forma imediata.



## **As mudanças no mundo do trabalho provocam novos projetos de vida**

Na modernidade líquida, que representa a geração pós década de 1990, a realidade mudou e a mentalidade de longo prazo foi substituída pela de curto prazo. Para Bauman (2000), a flexibilização é a nova ordem. Diante disso, surge o advento do trabalho por contratos de curto prazo, sem cobertura previdenciária e a vida do trabalhador se torna cheia de incertezas.

Segundo Bauman (2000, p. 185-186) o poder de barganha que caracterizava o coletivismo dos trabalhadores em torno do sindicalismo é substituído pela força do individual. A incerteza não une, divide e a ideia de “interesse comum” não tem lugar. Nessa nova configuração, há desregulação do emprego, emprego temporário e precarização das relações de trabalho.

Pelos relatos colhidos nas entrevistas, fica claro que os objetivos profissionais da nova geração mudaram e que o pensamento desses jovens é coerente com a descrição de Guimarães (2021) para a Geração Z. Dessa forma, dos quatro entrevistados, apenas um pretende prestar concurso público e seguir a mesma trajetória profissional dos pais. Dois jovens idealizam tornar-se empresários por meio de projetos de empreendedorismo e a estudante mais jovem deseja alcançar um alto cargo em alguma grande empresa privada, talvez influenciada pelo discurso de meritocracia.

Portanto, nos últimos trinta anos, a situação em relação ao emprego tem se tornado cada vez mais complexa. Os jovens que participaram das entrevistas nasceram na década de 1990, que foi um período marcado pela instabilidade econômica, pela diminuição dos postos de trabalho e pela introdução de mecanismos de flexibilização das relações trabalhistas (GUIMARÃES, 2011; DIEESE, 2012).

No Distrito Federal, o serviço público sempre empregou parcela significativa dos trabalhadores da capital do país. A partir da década de 1990, com o desmonte do Estado decorrente das reformas propostas pelas políticas econômicas, o emprego público vem se retraindo e outros setores da economia ganhando projeção, no entanto, continua sendo o setor que mais emprega na Capital Federal (Tabela 1). Cruz, Schlabtz e Queiroz argumentam que:

Dentro do setor de Serviços algumas atividades se destacam. Porque Brasília foi concebida para abrigar a capital do país, era esperado o protagonismo da Administração Pública, Defesa e Seguridade Social na economia do Distrito



Federal. Desse modo, esse segmento era responsável por 26,04% dos vínculos ativos em 2015 e 53,04% da massa salarial. (CRUZ; SCHLABITZ; QUEIROZ, 2018, p. 10)

Tabela 1 - Participação percentual das seções CNAE de atividade econômica no total de vínculos empregatícios e da massa salarial - Distrito Federal - 2016

Segmentos de Atividade Econômica	Participação % - 2016	
	Vínculos	Massa Salarial
<b>Agropecuária</b>	<b>0,61%</b>	<b>0,21%</b>
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	0,61%	0,21%
<b>Indústria</b>	<b>8,14%</b>	<b>5,31%</b>
Indústrias Extrativas	0,03%	0,01%
Indústrias de Transformação	2,55%	1,09%
Eletricidade e Gás	0,26%	0,90%
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	0,83%	0,83%
Construção	4,48%	2,48%
<b>Serviços</b>	<b>91,25%</b>	<b>94,48%</b>
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	15,67%	5,47%
Transporte, Armazenagem e Correio	4,43%	3,26%
Alojamento e Alimentação	4,95%	1,34%
Informação e Comunicação	3,23%	3,43%
Atividades Financeiras, de Seguros e Serviços Relacionados	4,41%	8,30%
Atividades Imobiliárias	0,39%	0,15%
Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas	2,27%	2,11%
Atividades Administrativas e Serviços Complementares	13,57%	5,20%
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	26,04%	53,04%
Educação	5,15%	4,07%
Saúde Humana e Serviços Sociais	6,93%	5,60%
Artes, Cultura, Esporte e Recreação	0,76%	0,24%
Outras Atividades de Serviços	3,24%	2,13%
Serviços Domésticos	0,01%	0,00%
Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais	0,19%	0,15%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho

Elaboração: DIEPS/Codeplan

Os dados apresentados na tabela são de 2016, pois a pandemia do COVID 19 comprometeu a realização de novas pesquisas que possibilitassem a atualização dos dados. Ao analisar a tabela, percebe-se que apesar dos jovens terem novas pretensões para a carreira profissional, o serviço público é o que mais emprega e o que oferece os melhores salários.



Logo, como relatado pelos jovens entrevistados, eles ainda não tiveram interesse em investigar as oportunidades de emprego e, por isso, eles não tem conhecimento da dinâmica de funcionamento do emprego na capital do país.

Além disso, é provável que as mudanças que estão ocorrendo no setor socioeconômico brasileiro venham interferindo nos projetos profissionais da Geração Z. Com isso, o discurso midiático de empreendedorismo que é propagado nos principais meios de comunicação também esteja influenciando no modo de pensar dos profissionais que estão saindo das universidades. É provável que quando eles tiverem que se inserir no mercado de trabalho se estabeleça novos objetivos profissionais.

Ainda que não citado nas entrevistas, há que se considerar que esses jovens que representam a Geração Z, convivem com o crescimento de novas formas de trabalho (*youtuber*, *digital influencer*, *blogueiro*) que são produzidas pelas redes sociais e tem conquistado parcela significativa da juventude. As redes sociais tem proporcionado grandes oportunidades para os jovens que desejam arriscar pelos caminhos do empreendedorismo, tem-se como exemplo, a multiplicação das lojas virtuais no *facebook* e no *instagram*.

Os jovens entrevistados são estudantes que não entraram para o mercado de trabalho e estão na primeira metade do curso de graduação, com isso, é preciso considerar que os relatos deles representam uma percepção de uma realidade não vivenciada ainda. Dessa maneira, no decorrer do percurso acadêmico e início da carreira profissional, eles reorganizem os seus projetos de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas no trabalho mostram que nas últimas décadas o mundo do trabalho vem atravessando profundas mudanças. As transformações vem ocorrendo no campo e na cidade e o processo de êxodo rural foi o motor para que elas ocorressem com maior intensidade no meio urbano.

As discussões analisaram o comportamento de duas gerações que vivenciaram as mudanças no trabalho em dois momentos distintos: as três últimas décadas do século XX, denominada como Geração X e as décadas iniciais do século XXI, que foi caracterizada como Geração Z. A partir desse recorte temporal, foi possível mostrar e compreender como esses sujeitos da Geração X se relacionavam com a questão do emprego e como a Geração Z a idealiza.





A investigação teve como recorte espacial o Distrito Federal, que abriga a capital do país, Brasília. A cidade nasceu no intenso processo de urbanização que ocorreu no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Dessa maneira, foi possível reconstruir a trajetória profissional dos descendentes dos imigrantes nordestinos e a forma como eles percebiam o mundo do trabalho naquele período de intensas mudanças que ocorriam no país.

Na sequência, a pesquisa analisou os objetivos profissionais da juventude que está se inserindo no mercado de trabalho e que vivencia um novo processo de mudanças provocadas pela revolução tecnológica, na qual o emprego precisa ser analisado sob novas dimensões.

Assim, é possível entender que a Geração X buscava o pleno emprego, a estabilidade financeira, geralmente, associado ao serviço público. Enquanto a Geração Z, que já nasceu na era das novas tecnologias (TIC's) é mais empreendedora, gosta de desafios, não sente insegurança diante da instabilidade que caracteriza o mundo do trabalho e acredita em suas potencialidades profissionais.

Quando se compara as duas gerações é possível entender que, provavelmente, ao contrário do que se imagina, o emprego não é perdido, mas transformado (DOWBOR, 2004).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CAMANARO, Ana A.; BELTRÃO, Kaizô I. Distribuição espacial da população brasileira: mudanças na segunda metade deste século. **Ministério de Planejamento, orçamento e Gestão. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Rio de Janeiro, 2000.

CICCOLELLA, Pablo; MIGNAQUI, Iliana. Capitalismo global y transformaciones metropolitanas: enfoques e instrumentos para repensar el desarrollo urbano. **Colección Campus Virtual** – CLACSO, Buenos Aires, 2009.

COSTA, Geraldo M. Construções teóricas da problemática urbana brasileira: rupturas, permanências, transcendências e convergências. *In*: COSTA, Heloisa S. de M.; MONTE-MOR; Roberto L. de M. (Orgs.). **Teorias e práticas urbanas: Condições para a sociedade urbana** – Belo Horizonte C/Arte, 2015.



COSTA, Everaldo Batista; STEINKE, Valdir Adilson. **Brasília meta-síntese do poder no controle e articulação do território nacional**. XIII Congresso Internacional de Geografia, Universidade de Barcelona. Barcelona, 2014.

CRUZ, Bruno de O.; SCHLABITZ, Clarissa J; QUEIROZ, Iuri V. Texto para discussão: Aspectos econômicos do Distrito Federal. **CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal**. ISSN 2446-7502, Brasília – DF, 2018.

DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS: **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo: DIEESE, 2012

DOWBOR, Ladislau. O que acontece com o trabalho? **Coordenação Benjamin Abdala Júnior, Isabel Maria M. Alexandre**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004 (Série Ponto Futuro; 10).

FIORAVANTI, Livia M. Reflexões sobre o “direito à cidade” em Henri Lefebvre: obstáculos e superações. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v.02, n. 02, 2013.

GDF. **População: gente de Brasília (2017)**. Disponível em: <http://www.brasilia.df.gov.br/populacao/> acesso em 17 mar/2021.

GUIMARÃES, Nadya. O que muda quando se expande o assalariamento (e em que o debate da sociologia pode nos ajudar a compreendê-lo?). **Dados**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 533-567, 2011.

GUIMARÃES, Bruna. Entenda como é a atuação da Geração Z no mercado de trabalho. **GUPY/Blog**. Disponível em: <https://www.gupy.io/blog/geracao-z-mercado-de-trabalho>. Acesso em 15 out/2021.

IBGE. **Portal do Governo Brasileiro**. Brasil, Distrito Federal – população, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/panorama>. Acesso em 12 nov/2021.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, Humanitas, 2004.

MEYER, Maximiliano. Quais as diferenças entre as gerações X, Y e Z e como administrar os conflitos. **Oficina da Net – Carreira em TI**, em 16/10/2014. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/13498-quais-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-e-z-e-como-administrar-os-conflitos>. Acesso em 15 out/2021.

MINISTÉRIO DO TRABALHO - MT. **Relação Anual de Informações Sociais**. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

SOUSA, Maria Solange M. de. **A escola e seus jovens: lugar de controvérsias e perspectivas. Uma análise do CED 04, Taguatinga – DF**. Dissertação (Mestrado – Mestrado em Geografia) – Universidade de Brasília, 2019.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875